



A DOCÊNCIA NO CAMPO DA HISTÓRIA ENTRE A TEORIA E PRÁTICA

Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa*

Resumo

Há um debate que tem tomado conta da academia em torno da problemática resultante da dicotomia entre ensino e pesquisa no campo da história, o que leva a uma falsa ideia de que o historiador de ofício não teria relação com o professor de história. Diante desse debate, este artigo busca um diálogo possível entre o ofício do historiador que passa pela produção e reflexão teórica e a prática docente, entendemos que não sejam questões dissociáveis. O ensino de história na educação básica, não passa pela formação de pequenos historiadores, não se trata de ensinar teoria histórica para este nível de ensino, trata-se tão somente, de compreender que na prática de ensino, a pesquisa histórica deve fazer parte do cotidiano do professor.

Palavras chave: Ofício. Historiador. Professor.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir acerca da importância do amadurecimento intelectual na prática cotidiana do professor de história. Considerando que a problematização do passado é a marca do ofício do historiador, faz-se necessário o debate historiográfico que favoreça o diálogo entre os diversos estudiosos que se dedicaram a pesquisas em torno desta problematização, considerando que a construção historiográfica perpassa labirintos de incertezas, questionamentos, ambiguidades e paradoxos que acompanham o pesquisador em seu complexo e muitas vezes solitário ofício, que deve ser entendido também como o ofício do professor de história.

Tratar-se-á inicialmente da prática de pesquisa e sua relação com a prática docente, dialogando acerca da importância do ofício de historiador, para em seguida

* Professora no Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso-Campus Universitário de Rondonópolis (UFMT/CUR), discente do Programa de Pós Graduação Doutorado em História da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGHIS – UFMT), pesquisadora do Grupo de Pesquisa em História, Terra e Trabalho (GPHTT), vinculado ao Núcleo de Pesquisa em História (NPH) - UFMT. E-mail: beatriz-feitosa@uol.com.br.

pensar a relação entre este ofício e a problematização do passado, apresentando finalmente olhares diversos acerca do trabalho com o tempo, na relação temporal, passado, presente e futuro, refletindo acerca das contribuições teóricas dadas por Koselleck, Bloch, White, Pesavento, Foucault e Le Goff, estes olhares dirigidos à teoria e metodologia não podem ser entendidos como trabalho apenas do historiador de ofício, pois o professor de história trabalha com conceitos historiográficos no seu cotidiano, o diálogo teórico deve ser entendido como uma possibilidade entre as experiências da sala de aula e o trabalho de pesquisa que não se constituem de forma isolada, mas devem ser entendidos como práticas que convergem.

É de suma importância manter um diálogo constante entre construção teórica e metodológica que propiciam a compreensão acerca da formação das territorialidades e espacialidades e a prática docente, considerando que a sala de aula é o *locus* de debate e reflexão acerca das produções resultantes de pesquisas históricas.

Sobre a Relação entre Pesquisa Histórica e Prática Docente

Ao propormos o exercício da pesquisa enquanto fundamental na constituição da prática docente,

É preciso deixar claro, porém, que não é proposta do ensino básico a formação de pequenos historiadores. O que importa é que a organização dos conteúdos e a articulação das estratégias para trabalhar com eles leve em conta esses procedimentos para a produção do conhecimento histórico. Com isso, evita-se passar para o educando a falsa sensação de que os conhecimentos históricos existem de forma acabada, e assim são transmitidos.¹

Há um debate em torno da dicotomia entre ensino e pesquisa que dão a ideia de que o professor da educação básica é aquele profissional menor, cujo acesso ao conhecimento produzido é limitado e cuja participação na produção de conhecimento é inexistente, entretanto, consideramos que para o desenvolvimento das atividades docentes o diálogo com a teoria, permite ao professor/historiador uma ampliação das possibilidades para que ensino de história cumpra a função de dar sentido à disciplina que compõe seu *métier*, visto que ao exercer a docência, depara-se cotidianamente com os questionamentos acerca da função desta área do conhecimento, questões que inclusive, constituem-se em ponto inicial das análises de Marc Bloch, na obra, "Apologia da História

¹ BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010. P. 43

ou o Ofício do Historiador”², e ponto importante das análises de Karnal³ ao considerar que ao nos indagarmos acerca de nosso ofício, colocamo-nos frequentemente frente a questões como a colocada por Shakespeare acerca de “Quem é Hécuba para eles, quem são eles para Hécuba”⁴, ao docente da educação básica diante desse questionamento cabe a reflexão acerca de que,

[...] Em nosso contexto, esta frase equivale a indagar: qual a validade da História e do que eu faço para meu aluno e para mim? Como eu posso despertar no jovem tanto o interesse pela cultura mais formal como a capacidade e os instrumentos para analisar o mundo que o cerca? Talvez a pior pergunta seja a inversão desta: como eu vou descobrir qual a validade de tudo isso? Sim, porque é possível que o desânimo de um aluno seja apenas parte de um complexo maior que me inclua.⁵

Dentre todas as peculiaridades da docência, consideramos o amadurecimento intelectual do professor de extrema importância, ao permitir um diálogo possível com temporalidades e espacialidades distintas, o conhecimento, alcançável pela prática da pesquisa permite apreender, compreender e possibilitar que se compreenda temporalidades e espacialidades, pois “(...) A primeira lição da experiência em sala de aula é que as fórmulas só servem quando são idealizadas numa aula estática”⁶. Prescindir às fórmulas e propor alternativas é função do professor/pesquisador.

Algumas discussões realizadas na Disciplina de Estágio Supervisionado, ministrada ao curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso, têm contribuído para aprofundar esta ideia. Em uma reunião de apresentação dos resultados do Estágio Docência realizado no primeiro semestre de 2014, na Escola Sagrado Coração de Jesus, na cidade de Rondonópolis estado de Mato Grosso, duas questões apareceram como sendo as que mais afligiam os estagiários, sendo a primeira, o medo de não conseguir manter a disciplina em sala de aula e desta forma não conseguir concluir a atividade do estágio e a segunda a insegurança em relação aos temas trabalhados em aula. O primeiro tema não será objeto de nossas considerações, já o segundo dialogo diretamente com as questões que trazemos para a discussão neste texto.

² BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

³ KARNAL, Leandro. A história moderna e a sala de aula. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

⁴ KARNAL, Leandro. Introdução. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 10

⁵ Idem. P. 10

⁶ Ibidem. P. 11

Dentre os relatos dos estagiários foi possível perceber que dos temas que constituem o currículo da Educação Básica uma parte foi trabalhado de forma bastante aprofundada na academia, entretanto parte dos temas eram conhecidos pelos estagiários de forma superficial, desta forma ao ministrar aulas acerca de temáticas não familiares, a pesquisa era a garantia de um trabalho realizado de forma satisfatória em sala de aula.

Os argumentos até aqui apresentados permitem ao leitor perceber a defesa que viemos fazendo, de que o professor de história deve ser pesquisador, considerando que pesquisa e prática docente são indissociáveis. Aos educadores deste novo milênio, coloca-se um desafio:

[...] adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes. É preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequado aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia.

Historiador/professor sem utopia é cronista e, sem conteúdo, nem cronista pode ser.⁷

A prática da pesquisa permite ao professor se posicionar frente a debates com argumentos que possibilitem ao aluno entender que seres humanos em diferentes tempos históricos possuem visões de mundo diferenciadas, cabe algumas reflexões frente a uma problemática recente em torno da obra de Monteiro Lobato, "Caçadas de Pedrinho", em matéria publicada na Revista "Carta Capital", intitulada "Caçada ao Racismo"⁸, o autor da matéria trata do julgamento da obra de Lobato, como sendo disseminadora de um "suposto racismo", o que pode levar a obra ser proibida entre os materiais didáticos. Esse tipo de postura frente a obra mencionada é resultante de uma negação de que as produções são fruto de certa temporalidade, o professor comprometido com a pesquisa terá condições de possibilitar ao aluno a compreensão dos contextos históricos e sociais em que a obra foi produzida. Considerando que "[...] Os conceitos históricos somente podem ser entendidos na sua historicidade. Isso quer dizer que os conceitos criados para explicar certas realidades históricas têm seu significado voltado para essas realidades, não sendo possível empregá-los indistintamente para toda e qualquer situação semelhante."⁹

⁷ PINSKY, Jaime & BASSANEZI PINSKY, Carla. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.) . *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010. P. 190

⁸ VIEIRA, Willian. *Caçada ao Racismo*. Revista Carta Capital. Setembro/2012. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/cacada-ao-racismo-2/>. Acessado em: 02/10/2012.

⁹ BEZERRA. Op. Cit. P. 46.

A prática da pesquisa pode auxiliar no trato desta questão, entretanto alguns limites se colocam:

É sabido que um grande número de professores de História não praticou a pesquisa em seus cursos de graduação (...). A maior parte dos cursos de graduação organiza a sua grade curricular com base na periodização tradicional da História, não incluindo nela a prática da pesquisa, isto sem contar com os cursos vagos existentes no país inteiro. Tal formação empurra o professor para os livros didáticos tradicionais, dando-lhe certeza no seu fazer.¹⁰

Ao tratar da pesquisa em sala de aula, Joasilho¹¹ aponta que os cursos de qualificação para professores oferecidos no estado de São Paulo, colaboram na criação de verdadeiras “colchas de retalhos do conhecimento”, não permitindo a relação entre os conteúdos trabalhados, o que deixa o professor angustiado “[...] podendo até levar a uma baixa estima sobre si próprio por não conseguir alinhar tantos retalhos, mesmo porque não existe o desenvolvimento contínuo de determinado tema nos cursos (...)”¹². A qualificação docente deve primar pela prática da pesquisa, mediadora do trabalho em sala de aula, tornando possível inclusive a construção de saberes entre os alunos, pois o entesouramento do conhecimento não se constitui na repetição e acúmulo de informações, características do jornalismo. Na produção do saber histórico o tesouro do conhecimento é o resultado do acúmulo do conhecimento produzido, desta forma o conteúdo é de fundamental importância, sendo tantas vezes negligenciado no cotidiano escolar,

[...] o problema dos conteúdos e o tratamento teórico e metodológico que deveriam receber fazem com que essas proposições somente reforcem práticas disciplinares e de adestramento. A não explicitação teórico-metodológica lança uma cortina de fumaça sobre os conteúdos, enquanto o modo como a escola deve funcionar, o emprego do pessoal, a avaliação, o Plano Diretor e demais enquadramentos administrativos são tratados minuciosamente.¹³

Consideramos que o bom trabalho docente, passa por um processo de amadurecimento intelectual, a proposta não é o trabalho teórico com alunos da educação básica, mas sim a prática teórica exercida pelo docente que permite o diálogo com diferentes conceitos historiográficos na elaboração de um saber escolar que prime pela qualidade. Ao narrar as experiências no Estágio Supervisionado realizado em escola pública de Rondonópolis, os estudantes do 4º ano do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso, depararam-se com duas possibilidades, uma delas a utilização do

¹⁰ JOANILHO, André Luiz. *História e Prática: pesquisa em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996. P. 11

¹¹ JOANILHO. Op. Cit. P. 12

¹² Idem. P. 12

¹³ Ibidem. P. 45

livro didático como camisa de força e outra, o uso criativo do mesmo material, mediado pela busca de outros materiais tais como música, vídeos e história em quadrinhos. A segunda opção, ou seja a de uma aula de História criativa, elaborada a partir do trabalho com mais de um documento foi a opção que predominou entre os estudantes do estágio.

Particularmente interessante foi observar que nas narrativas das experiências os estagiários demonstraram preocupação em saber com qual tipo de documentação trabalhar em sala de aula, de forma que os processos históricos fizessem sentido aos alunos da Educação básica, portanto a discussão teórica proveniente da academia, fundamentada principalmente na concepção de Bloch acerca da História estiveram presentes nos planos de ensino formulados pelos alunos estagiários.

Historiador de ofício: a importância da prática de pesquisa no ofício do professor de história

Tendo em mente que a dúvida é o ponto de partida para a busca do conhecimento. O historiador atento sabe que o processo de uma construção historiográfica perpassa inevitavelmente pelo diálogo em torno da questão temporal, considerando que “a história impede que o atual seja vivido solitária e silenciosamente, em estado de amnésia. Ela restabelece o diálogo entre o presente e o passado, entre os homens mortos, que recuperam a vida, e os homens vivos, que reconhecem a morte (...)”¹⁴, essas questões também se apresentam ao professor da educação básica.

No processo de ensino e de aprendizagem as políticas educacionais que compõem o universo de atuação do docente, constituem-se em “[...] um processo permanente de enriquecimento dos conhecimentos, do saber-fazer, mas também e talvez em primeiro lugar, como uma via privilegiada de construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos, grupos e nações.”¹⁵

Tanto no trabalho com a pesquisa histórica, quanto com o desenvolvimento de atividades em sala de aula, o confronto com o documento é acompanhado de todo o espectro de mistérios vinculados as ideias do tempo presente e com interesses relacionados ao pesquisador. Não existe pesquisa histórica na qual o historiador se anula completamente como imaginavam e desejavam os positivistas do século XIX. Entre um grupo de 14 estagiários, os planos de aula pensados para o Ensino Fundamental em Escola

¹⁴ REIS, José Carlos. *História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 109.

¹⁵ RELATÓRIO PARA A UNESCO DA COMISSÃO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI, 2010.

de Educação Básica no município de Rondonópolis, apontam para os diversos interesses em jogo ao se pensar uma aula, a diversidade de metodologias utilizadas, passando pelo trabalho com música ao trabalhar a Primeira República no Brasil,

O homem chega, já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco lá pra cima da Bahia
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar
E passo a passo vai cumprindo a profecia do beato que dizia que o Sertão ia alagar
O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Adeus Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira o gaiola vai, vai subir
Vai ter barragem no salto do Sobradinho
E o povo vai-se embora com medo de se afogar.
Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Pilão Arcado, Sobradinho
Adeus, Adeus .¹⁶

Dentre as problemáticas trabalhadas pela estagiária ao levar para a sala de aula a canção de Sá e Guarabira, estava a alusão a profecia de Antônio Conselheiro de que o sertão viraria mar, o que permitiu discutir aspectos do messianismo presentes no movimento de Canudos, além disso foi possível realizar um diálogo temporal ao pensar, por exemplo a construção de uma usina hidrelétrica no Rio São Francisco, foi possível empreender juntamente com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, um debate acerca das consequências sócio espaciais da construção da barragem, pensando por exemplo, na migração forçada da população ribeirinha, nas questões ambientais e na forma como o São Francisco foi afetado.

Sempre que se realiza uma pesquisa com levantamento de fontes primárias – aquelas fontes diretas, e não as interpretações destas – faz-se necessário que se tenha em mente as circunstâncias em que estas foram produzidas, sua época, sua especificidade, sua função quando produzida, quem produziu e com qual intenção. O exercício de compreensão temporal, bem como das especificidades de cada tempo histórico, permitem que o profissional da educação básica tenha habilidade para tratar do processo de constituição da sociedade da qual ele e seus alunos fazem parte. É a

¹⁶ SÁ & GUARABIRA. *Sobradinho. Disco Pirão de Peixe com Pimenta. Som Livre, 1977 (adaptado)*.

compreensão das distinções temporais que tornam possível a prática do respeito às diferenças com as quais as pessoas se deparam cotidianamente no universo escolar.

Levando isso em consideração, o pesquisador está apto a estudar as fontes de uma forma menos superficial e mais crítica, podendo aprofundar-se no estudo das formas circunscritas e indiretas muitas vezes ignoradas à primeira vista, mas com as quais vários documentos do cotidiano na época analisada foram preenchidos. Este olhar sobre as produções musicais e do material em vídeo, boa parte coletado na rede internacional de computadores, não escapou a observação dos alunos do estágio que entendiam a necessidade de verificação das fontes com as quais estavam trabalhando, bem como a orientação de quem as produziu.

Refletir sobre o discurso por meio do qual tempo e história se revestem de inteligibilidade requer por parte do aprendiz de historiador um mergulho profundo e incessante nos textos produzidos pelos grandes nomes da historiografia. Desde Homero, Tucídides e Heródoto, passando pelos metódicos do século XIX, pelos marxistas influenciados pela obra de Marx e Engels, pela escola dos Annales fundada em 1929 tendo como principais mentores Marc Bloch e Lucien Febvre e ainda Braudel, Le Goff, Certeau, Foucault e tantos outros igualmente indispensáveis para uma boa formação intelectual de um historiador.

Acerca das possibilidades desse diálogo em torno da historicidade da construção historiográfica, Reis¹⁷ trabalha com a constituição da história como área do conhecimento, defendendo que houve uma ruptura entre a história e a filosofia iniciada no século XIX pela escola metódica (positivista) e prolongada até a atualidade por diversas correntes de pensamento histórico tais como o historicismo (Aron *versus* Dilthey), marxismo (Marx) e o programa dos Annales. Esta última coloca algumas questões ao ofício do historiador que continuam a incomodar os historiadores do século XXI e a motivar a prática constante da pesquisa.

Existem infinitas histórias a se contar. E é possível que por mais que as criemos e recriemos o resultado não nos traga convicções. O peso do presente nas definições das formas a partir das quais o passado será interrogado, nos leva a crer, que a história e o historiador são objetos cujas transformações e mutações revelam uma inevitável imprevisibilidade tornando impossível de se adivinhar um futuro para o historiador, para o professor de história e para a historiografia. Tal compreensão dialoga com as reflexões de

¹⁷REIS. Op. Cit.

Koselleck¹⁸ de que o futuro se constitui em “*horizonte de expectativas*”, portanto não é previsível.

O Ofício do Historiador e a Problematização do Passado

Quer seja o ofício do historiador o domínio de métodos e técnicas, circunscritos a um conjunto teórico ou, ainda, um exercício de imaginação, a construção de uma narrativa verossímil, entre outras possíveis, não se pode negar que o surgimento da Escola dos Annales, uma concepção crítica às concepções históricas do século XIX, notadamente rejeitando a ênfase positivista e metódica em política, diplomacia e guerras, assim como a abordagem economicista do marxismo, inaugurou uma postura diferenciada, frente aos pressupostos das correntes históricas anteriores, dentre elas a escola metódica, que na perspectiva de uma historiografia mais antiga foi caracterizada como sendo positivista, a compreensão dos elementos que compõe a História da História, atravessa a concepção de que a historiografia positivista foi tributária das ideias evolucionista de Comte, que fundamentou seu pensamento na lei dos três estados. A historiografia do século XIX não é tributária desses ideais, mesmo que existam historiadores evolucionistas, portanto podemos caracterizá-la dentro de uma escola, a metódica, pautada em ideais de cientificidade e na concepção de um método histórico,

“Método”, tornou-se a palavra-chave (sic.), e o que distinguia a história da literatura. A história se profissionalizou definitivamente – numerosas cadeiras na universidade, sociedades científicas, coleções de documentos, revistas, manuais, publicação de textos históricos, um público culto comprador de livros históricos.¹⁹

A pretensão da escola metódica em construir uma “*história verdadeira*”, apresenta-se como um trabalho insano considerando que a massa documental que nos leva a interpretação da vida das sociedades do passado é imensa. No mesmo caminho de busca da “*cientificidade histórica*”, está o pensamento marxista, Reis aponta que “para o materialismo histórico de Marx, o material histórico é analisável, observável, objetivável, quantificável”²⁰, portanto a partir desta visão historiográfica, admite-se a possibilidade de escrever uma história científica e totalizante. Reis resume em três pontos o que caracterizaria a “*ciência*” da história no pensamento marxista:

a) Enfatiza o papel das “*contradições*”, priorizando o estudo dos “*conflitos sociais*”(…) b) (...) Ele é um estruturalismo genético, que afirma a contradição presente na estrutura, que a levará à transição a outra estrutura. (...) c) mesmo

¹⁸ KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos.

¹⁹ REIS, José Carlos. *A História entre a Filosofia e a Ciência*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

²⁰ REIS. Op. Cit. P. 51.

sem o saber, mas podendo vir a sabe-lo, os homens “fazem a história” e não são suporte de qualquer sujeito metafísico. Pela práxis, pela intervenção, livre e condicionada na e pala estrutura econômico-social, os homens transformam o mundo e a si mesmos. (...) ²¹

A concepção marxista da história vista como a prática dos sujeitos históricos que atuam na realidade transformando-a por meio da constante luta de classes foi repensada pelos representantes da corrente historiográfica auto intitulada *Annales*, propuseram-se problematizar a história, contrariando a coleção de fatos perpetuada pelas tendências anteriores, tentando se isentar de ideologia, embora esta tentativa seja passível de inúmeras críticas, já que o historiador, estando inserido em um tempo histórico, jamais conseguirá traçar uma análise imparcial.

A partir da problematização, os pesquisadores ligados aos estudos dos *Annales* desdobraram-se em várias linhas teóricas e campos de pesquisa, notadamente servindo de base para criar departamentos tanto de história social como econômica, fomentando debates acerca da natureza teórica do conhecimento histórico, atualmente incorporados ao panorama contemporâneo.

A problematização do passado deve levar em conta as possibilidades de interpretação deste passado, Reis²² estuda as diferentes constituições temporais ao longo da história, tratando desde as concepções metafísicas até a pós modernidade, buscando definir a transição da modernidade para a pós modernidade, para este autor “filosofia e história são atitudes complementares – toda pesquisa filosófica é inseparável da história da filosofia e da história dos homens e toda pesquisa histórica implica uma filosofia, porque o homem interroga o passado para nele encontrar respostas para as questões atuais” ²³Um debate instigante acerca da questão temporal, tão cara ao historiador/professor, também é proposto por este autor:

Seria possível segurar esse tempo humano que transcorre vertiginosamente, vivido na inquietação, no terror do horizonte mortal? Seria possível regular a clepsidra para que a areia/água não desça de uma só vez, sem deixar vestígios do ser que estava na parte superior? O mundo humano presente, que ocupa a parte superior da ampulheta, embora pareça sólido e eterno, tende a desabar sobre a parte inferior, e o que se torna visível, então, é um monte indiferenciado de areia, ser que foi e não é mais. ²⁴

²¹ Idem. P. 57.

²² REIS, José Carlos. *História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

²³ REIS. Op. Cit. P. 240.

²⁴ Idem. P. 181.

Pensar o tempo, a relação com a filosofia, as possibilidades de diálogo com a educação, eis a riqueza de variáveis dadas pela pesquisa e pelo trabalho com a teoria, que não podem ser algo prescindível ao trabalho docente.

O Ofício do Historiador: olhares diversos

Empreendemos a defesa pela pesquisa na prática docente, a ideia é pensar no profissional da educação como um historiador de ofício, neste sentido, “[...] Apreciaria que, entre os historiadores de profissão, os jovens em particular se habituassem a refletir sobre essas hesitações, esses perpétuos “arrepentimentos” de nosso ofício.[...]”²⁵, as questões teorizadas por Bloch, são facilmente percebidas entre os estudantes do Estágio Supervisionado III, futuros professores de História, que se interrogam acerca de seu ofício e entendem que o trabalho em sala de aula, exige constante trabalho de pesquisa, imprescindível para a fundamentação da prática docente.

Perceber a importância da pesquisa passa pela compreensão das diversas possibilidades de acessar o conhecimento histórico, sendo assim: “[...] desbravado o caminho para a reconstituição da história como forma de atividade intelectual que é ao mesmo tempo poética, científica e filosófica em suas preocupações [...]”²⁶. Pensar acerca desse ofício leva a pensar que “[...] o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele.”²⁷

Valorizar a produção do conhecimento, por meio da pesquisa, equivale a pensar uma realidade mais enriquecida em termos de possibilidades existenciais considerando que, “[...] O homem que lê, que pensa, que espera, que se dedica à *flânerie*, pertence, do mesmo modo que o fumador de ópio, o sonhador e o ébrio, à galeria dos iluminados. E são iluminados mais profanos. Para não falar da mais terrível de todas as drogas – nós mesmos – que tomamos quando estamos sós.”²⁸. Há uma riqueza de possibilidades que podem ser traduzidas em práticas docentes, que são, se não criadas, bastante enriquecidas pela pesquisa,

“[...] em nossos dias, as regiões onde é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se

²⁵ BLOCH. Op. Cit. P. 49.

²⁶ WHITE, Hayden. *Meta História: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da USP, 1992. P. 15

²⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. P. 42.

²⁸ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 33.

desarma e a política se pacífica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. [...]”²⁹

As reflexões no tocante a produção historiográfica e de sua boa utilização em sala de aula passa pela percepção de que, “[...] A história seria feita segundo ritmos diferentes e a tarefa do historiador seria, primordialmente, reconhecer tais ritmos. [...]”³⁰. Parece-nos que os discente cursando o último Estágio Supervisionado do Curso de História da UFMT, entenderam a complexidade que envolve seu ofício, marcado por um pulsar que é característico do trabalho com as questões humanas, ao mesmo tempo que envolve dúvidas e incertezas, carrega consigo a crença de que o bom trabalho docente é aquele que não se sustenta em certezas superficiais pois, a dúvida alimenta a pesquisa e a roda viva que constitui o saber histórico, inclusive aquele que é realizado em sala de aula.

Considerações Finais

Partimos do pressuposto de que há uma dicotomia entre docência e pesquisa, que deve ser repensada no ensino superior, visto que o profissional da educação básica deve ter habilidades para o trabalho de relacionar a construção temporal, resultante do trabalho historiográfico com o cotidiano dos alunos sob sua orientação.

A questão que se coloca é de que o acesso ao conhecimento produzido pelos seres humanos no tempo é possível por meio da pesquisa, desta forma nossa defesa é pela universidade que forme o pesquisador/professor, que não encerre sua aula em um instrumento único de trabalho, o livro didático, que consiga prescindir ao material que lhe é fornecido, enriquecendo-o, relacionando-o com outras possibilidades. Que seja capaz de pensar acerca das suas aulas, não transformando estas em mera reprodução, que não se intimide frente aos desafios impostos pela educação e a entenda como emancipadora de seres humanos, emancipação possível pelo acesso ao conhecimento.

Entendemos que a dinâmica das escolas muitas vezes é castradora, entretanto, vemos que um ensino de história maçante e reprodutor, apenas reforça esta realidade, valorizar a pesquisa como constituinte da prática docente na educação básica é um caminho interessante para pensar novos caminhos para o ensino em nosso país.

²⁹ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: edições Loyola. P. 9 – 10.

³⁰ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão . et. Al.. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. P.15.